O Marquez de Tamandaré (*)

Curiosa e bem interessante é a origem do titulo nobiliarchico do legendario marinheiro, hontem fallecido na Capital Federal.

Facto pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que tem escripto sobre o glorioso almirante, cuja biographia cheia de lances heroicos, de actos de nobre valor e acendrado patriotismo, abrange a historia da marinha militar do Brazil desde a independencia até hontem, merece ser relembrado para que os seus conterraneos conheçam como o illustre rio-grandense conquistou esse titulo, que o collocava nas culminancias da hierarchia nobiliarchica do passado regimen e, ainda mais, a *razão* porque o imperial nobilitante escolheu em Pernambuco e não no Rio Grande do Sul o local erigido em baronato para agraciar o eminente cidadão, que aos 13 annos de idade, creança ainda, mereceu do Lord Cockrane as memoraveis phrases pronunciadas em presença de D. Pedro I:

—*Magestade, aquelle Senhor será o Nelson Brazileiro.*

Acontecimentos bem distinctos, apparentemente sem connexão, deram causa e origem á concessão desse titulo—o mais elevado que no segundo Imperio usou um official da nossa marinha de guerra.

(*) Carta dirigida ao «Diario do Rio Grande» vinte e quatro horas depois do fallecimento do Almirante no Rio de Janeiro, publicada a 23 de Março de 1897 no citado «Diario», no Rio Grande do Sul.



A 24 de agosto de 1848 sahia do porto de Liverpool' em viagem de experiencia, o vapor brazileiro *D. Affonso* sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa.

—Levava a seu bordo, entre outras pessoas, a princeza D. Francisca, seu esposo o Principe de Joinville, os duques de Aumale, o embaixador Brazileiro junto a côrte de Londres e o chefe de esquadra Greenfell.

Uma hora depois de penetrar no oceano, horroroso espectaculo apresentou-se aos olhos attonitos dos passageiros e tripolantes do *D. Affonso*.

—Alterosa galera, marcando a todo panno, ardia em chammas......

No convéz da *Ocean Monarch* distinguia-se grande numero de pessoas correndo espavoridas de um para outro lado; a maior parte refugiava-se no castello, grande numero agarrava-se no gurupés e no pica-peixe!

A galera com todo panno largo demorava-se a sete milhas a barlavento (oeste) do navio Brazileiro; pouco a pouco, porém, foi virando até alcançar a bolina;—pondo a prôa ao vento fundeou.

Já ardia o velame do mastro grande e da gata e as chammas, que subiam ao céo envoltas em espesso e negro fumo, alastravam a coberta envolvendo o apparelho e o massame que, desprendendo-se das alturas com horrido fragor, levantavam nuvens de fagulhas do brazeiro ou immensas columnas d'agua dos flancos do navio!...

Medonho espectaculo!

Desesperadora, horrivel, a situação daquelles desgraçados:— alguns momentos mais, o fogo destruiria os ultimos pontos de refugio onde tantos infelizes esperavam a mais tremenda catastrophe....

—

Salve-os, commandante, salve-os, exclamava sem cessar a Princesa de Joinville.

E o commandante brazileiro, sem medir o perigo que corria o seu navio, cujos paióes estavam attestados de pol-

vora e munições de todo genero, navegou a todo vapor para o logar do horrivel sinistro.

Quatro escaleres cahiram ao mar; do primeiro partio um marinheiro levando presa á cintura forte espia, nadou corajosamente com força herculea, por entre a immensa quantidade de mastareos, cabos, velas, destroços de todo o genero que fluctuavam enredados em volta do barco incendiado e, dando volta nas amarras da *Ocean Monarch* estabeleceo o salvador cabo de vae-vem!

Cento e sessenta pessoas foram salvas assim pelos escaleres brazileiros, cujas guarnições, luctando com os vagalhões que lhes batiam os flancos, difficilmente podiam conter a soffreguidão de tantos desgraçados que, a uma, queriam abandonar aquelle immenso brazeiro perdido na solidão do oceano.

Dias depois, formada a guarnição do *D. Affonso*, o commandante Marques Lisboa ordenava a leitura de um officio do embaixador Brazileiro communicando que o Duque de Aumale enviava cem libras sterlinas para os bravos marinheiros, que tão relevante serviço prestaram á humanidade. E quando o chefe, em tocante allocução, recordava a situação daquelles infelizes naufragos, que se viam abandonados, sem recursos, orphãos a maior parte, mendigando a caridade publica, foi interrompido por muitas vozes:

Cedemos!... Cedemos!...

Os rudes marinheiros do Brazil, commovidos, cediam ás victimas do «Ocean Monarch» o ouro com que a liberalidade do soberano gratificava o seu arrojo, a sua coragem, a sua nobre dedicação demonstrada no tragico sinistro da galéra ingleza.

Ao commandante do vapor *D. Affonso* offereceu S. M. Britannica riquissimo chronometro de ouro, cravejado de custosos brilhantes, com esta inscripção:

Presented By the British Governement to Captain Joaquim Marques Lisboa of the steam fregate «Affonso» Of the Brazilian Imperial navy In testemony of their admiration of the gallantry and humanity Displayed By Him

In Rescuing Many British Subjets From The Burning Wreck of the ship «Ocean Monarch» August 1848.

*
* *

No dia 6 de março de 1850 o posto semaphorico do morro do Castello assignalava um navio em perigo fóra da barra do Rio de Janeiro.

Era a náo portugueza *Vasco da Gama* que, colhida por medonho temporal, fundeára a poucas milhas do pharol da Raza, totalmente desarvorada e batida ainda por alterosos vagalhões do sudéste.

O vapor *D. Affonso*, sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa, suspendeu do *poço* em soccorro da galera portugueza ás 11 horas da manhã; ao meio dia era feita a primeira tentativa para passar os viradores de reboque, mas o escaler que se arreára mal desprendeu-se das talhas e foi emborcado por um vagalhão, salvando-se a custo os tripolantes.

Amainando um pouco o vento, Marques Lisboa tentou audaz manobra para passar os cabos de reboque no vaso portuguez —unica, aliás, naquella situação que podia dar bom resultado, mas revestida do immenso perigo de abalroamento e consequente perda dos dois navios.

Fazendo ala e larga para collocar-se pelo travéz do *Vasco da Gama*, que prôava ao vento, o *D. Affonso* avançou resolutamente, prolongando-se com o seu costado tão de perto quanto permittiam as guinadas do navio; possante marinheiro, do castello, atirou o chicote de merlim com tanta felicidade que momentos depois o virador éra colhido, ao som da lupa, pelos tripolantes da náo portugueza.

Eram quatro horas da tarde; ás 6, immensa multidão apinhada no cáes ao longo, no littoral, enthusiasmada, commovida, assistia a entrada da alterosa galera rebocada pelo *D. Affonso*.

II

Vinte e cinco milhas ao S. S. O. do cabo de Santo

Agostinho, na latitude sul 8° 42' 35", extensa solução de continuidade no grande recife, que corre ao longo da costa de Pernambuco, constitue a entrada ou barra do porto de Tamandaré, o melhor ancoradouro do Estado, pertencente hoje ao municipio do Rio Formoso.

Em frente á barra ergue-se a grande fortaleza de Tamandaré, construida pelos Hollandezes n'uma excellente posição para a defesa do porto, á margem do ribeiro do mesmo nome.

E' um polygono, systema a Vauban, com 113 palmos por face nos baluartes; os flancos, com 45, são perpendiculares ás cortinas, que apresentam 220 de frente. As linhas de defesas fixas são dirigidas a um sexto de angulo dos flancos, offerecendo assim a maxima resistencia á escalada e o maximo effeito no crusamento de fogos.

*
* *

A 21 de novembro de 1859 dava fundo nesse porto a divisão naval do Chefe de Esquadra Joaquim Marques Lisboa, composta da fragata *Amazonas*, corveta *Paraense*, e canhoneira *Belmonte* que combciavam o paquete *Apa*, a cujo bordo iam S. S. M. M. Imperiaes em viagem de excursão pelas provincias do norte.

Desembarcando o Sr. Pedro II, examinou detidamente a fortificação, em cujas muralhas, parte em ruinas, ainda se viam vestigios da epoca gloriosa e memoravel do dominio Hollandez no Brazil.

Relembrando alguns feitos dessa epica luta de sessenta annos occorridos nesse historico local, referio Marques Lisboa ao Imperador que na defesa dessas arruinadas ameias perdera um irmão—o major Manoel Marques Lisboa, cujos restos mortaes ainda jaziam no cemiterio da villa e que, aproveitando tão propicio momento, pedia licença para transportar em seu navio para o jazigo da familia no Rio de Janeiro aquellas cinzas tão caras ao seu coração.

D. Pedro, sempre propenso ás nobres e generosas acções, sensibilisado por aquella manifestação de fraternal

amisade, não só accedeu aos desejos do almirante, como assistio a exhumação dos ossos e acompanhou-os até a bordo do *Apa*, onde tinha arvorada a sua insignia.

*
* *

Manoel Marques Lisboa, por alcunha—Pitanga—, que posteriormente usou como appellido, tomou parte na guerra da Independencia, batendo-se com valor em Pirajá (8 de novembro 1822) e Itaparica (7 de janeiro de 1823) ás ordens do general Pedro Labatut.

A alcunha de—Pitanga—fôra-lhe dada pela celebre heroina da Independencia D. Maria Quiteria de Jesus, (1) porque durante o cerco da cidade de S. Salvador se approximava diariamente das linhas portuguezas—que não cessavam de lhe fazer fogo—emquanto elle tranquillamente comia os fructos de umas *pitangueiras* situadas nas proximidades da praça, que então estava cercada pelas tropas brazileiras do tenente coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (2).

Expellidas da Bahia as tropas lusitanas do general Ignacio Madeira, seguio o major Pitanga para Pernambuco commandando o 2º batalhão de caçadores (golla e canhão azul).

---

(1) D. Maria Quiteria de Jesus alistou-se como soldado no exercito libertador, distinguindo-se sempre nos combates pelo seu heroismo, indomavel coragem e força physica pouco commum—qualidades a que alliava uma conducta digna de uma senhora virtuosa e da mais fina educação.

Mais de uma vez empunhando a bandeira da nascente nacionalidade, estimulava no mais alto gráo o brio dos soldados, que a adoravam.

O Imperador D. Pedro I, na Bahia, tirou de seu proprio fardão a insignia da Ordem do Cruzeiro e collocou-a no peito da jovem heroina que recebia assim do fundador do Imperio a sagração do seu valor e heroismo.

Um decreto de 20 de agosto de 1823 concedeu-lhe as honras, o soldo e a gratificação integral do posto de alferes do exercito.

Milady M. Graham, em sua interessante obra "*Journal of a Voyage to Brazil*" (Londres 1824) nos dá o retrato da heroina e bem assim interessantes pormenores sobre a sua vida.

(2) Mais tarde Visconde de Pirajá.

Pouco depois rebentava nessa provincia a revolução de 1824, a principio sem fins politicos, mas dentro em pouco transformada nessa desastrosa guerra civil de que resultou a ephemera Republica do Equador—momento de audacia, valor e patriotismo, que tanto sangue fez escorrer dos patibulos de Pernambuco, Parahyba e Ceará.

Abraçando o partido do presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, o major *Pitanga* foi incumbido da defesa do importante porto de Tamandaré, afim de evitar o desembarque de forças contrarias nesse facil e seguro ancoradouro.

A 8 de Junho de 1824 o major *Pitanga*, á frente de seus caçadores, desalojou de Tamandaré uma força legal, tomando-lhe muita munição e viveres e a tiros de canhão obrigou á fuga o brigue *Bahia*, que guardava o porto.

Sabendo occupado pelos rebeldes o porto de Tamandaré, a expedição legal, enviada da Bahia em onze vasos de guerra ás ordens do general Francisco de Lima e Silva, avançando por terra para Pernambuco, destacou da Barra Grande forte columna, que no dia 2 de setembro atacou rudemente a villa de Tamandaré. (3)

Logo aos primeiros tiros cahio mortalmente ferido o major Pitanga, que poucos momentos sobreviveu á victoria de seus inimigos.

III

De regresso ao Rio de Janeiro, na primeira reunião do ministerio, o Snr. D. Pedro II lembrou ao Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz (4) a concessão de um titulo honorifico ao Chefe de esquadra Marques Lisboa, justificando-o não só com os serviços prestados nessa viagem, que acabava de terminar, como lembrando os sinis-

(3) Nesse encontro foi gravemente ferido o tenente-coronel de engenheiros Conrado Jacob Niemeyer, mais tarde general e um dos membros da *Commissão Militar*, encarregada das celebres devassas sobre a Confederação do Equador, que tantos patriotas enviou ao patibulo.

(4) Presidente do Conselho do gabinete organisado em 10 de agosto de 1859.

tros da *Ocean Monarch* e *Vasco da Gama*, pelos quaes merecera o Brazil significativas demonstrações de apreço dos governos da Grã-Bretanha e Portugal.

Francisco Xavier Paes Barreto, ministro da marinha, aventou então a ideia de agracial-o com um baronato no Rio Grande do Sul, d'onde era filho, mas o Imperador « ainda impressionado pelo episodio do major Pitanga » mandou lavrar o decreto concedendo-lhe o titulo de Barão de Tamandaré, em homenagem, dizia, á memoria do irmão morto nas ameias do velho forte pernambucano.

—

Eis porque serie de circumstancias Joaquim Marques Lisboa—o Nelson Brazileiro—teve um titulo nobiliarchico de origem verdadeiramente democratica.

Rio Grande, 21 de Março de 1897.

J. ARTHUR MONTENEGRO.

